



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA GOELHO ■ Director: ALEXANDRE ROSADO ■ Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato  
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

A COMISSÃO Administrativa da Junta de Freguesia da Ajuda, da presidência do nosso amigo Sr. Jorge Pinto, distinto pintor e com o seu nome ligado a importantes trabalhos da sua arte, entregou em Abril de 1931, à Camara Municipal, uma representação que continha, entre muitos outros alvitre, o seguinte:

Aquisição pela C. M. L. da parcela de terreno, existente entre o Palácio Nacional da Ajuda e a Rua da Bica do Marquez, que pela sua ampla area dava margem:

a vender-se umas faixas laterais para construção e deixar ao centro o Parque que a Comissão Administrativa, já tinha alvitado; e como o corpo docente das escolas 19/60, se empenha na construção de uma escola infantil a meio do parque, essa escola viria estabelecer maior utilidade para o fim proposto e daria uma nota salutar para as crianças que ali recebessem a primeira instrução, a qual ainda está longe de ser criada no nosso país.

Ora como no corrente mês termina o arrendamento desse terreno, achamos oportuno lembrar ás entidades administrativas, que evitem a sua continuação e cuidem do assunto com o carinho que merece.

E como temos conhecimento que a Misericórdia de Lisboa pensa em estabelecer na nossa freguesia um edificio para lactário, creche e posto médico, achamos que isso também ali ficaria muito bem, assim como um miradouro, atendendo ao bom acolhimento que têm tido os que se têm construído na nossa cidade, e ao lindo ponto de vista que dali se disfruta.

Além das conveniências expostas, que já são bastantes, traria o embelezamento daquelle local, o desaparecimento das piteiras que lhe dão um aspecto sertanejo, e dar-se-ia também principio ao projecto do Ex.º Sr. Dr. Perry Vidal, que embora gigantesco, com boa vontade, pode ser realisavel antes do ano 3.000

PASSA no próximo dia 5, o aniversário natalício do nosso querido camarada Alexandre Settas, a quem por tal motivo, todos que neste jornal trabalham, enviam um grande abraço.

## PELOS HOSPITAIS

### A situação dos médicos

A propósito do artigo publicado no último número do nosso jornal, focando a traços largos o que é a vida do pessoal de enfermagem e serventuario nos Hospitais, julgámos interessante dizer aqui também algumas palavras sobre a situação da classe médica nos Hospitais.

Embora menos que o pessoal de enfermagem, o corpo clinico dos Hospitais tem também um serviço bastante árduo, o numero de clinicos sendo muito limitado e não correspondendo de forma alguma ás necessidades do serviço, pois a lotação total dos Hospitais anda á roda de 4.500 camas.

Haveria pois uma grande necessidade em aumentar o número de clínicos que ali prestam serviço, de modo a satisfazerem as exigencias do serviço mais suavemente, mas, facto fundamental, não há verba, e o número de clínicos tem que se conservar como está.

Devemos contudo acrescentar que embora o serviço seja pesado, faz-se sem deficiencias e com o máximo de boa vontade, pois todos ali trabalham com amor á arte e muitos até sem remuneração.

E' claro que estes últimos não pertencem aos quadros e se para ali vão é para tirarem as suas especialidades e tomarem certos conhecimentos que cá fora é impossivel adquirir.

Mas, voltando ao nosso assunto, é sobretudo o serviço do Banco de S. José, todo êle ou quasi todo serviço de urgência, o que se encontra mais sobrecarregado e tendente a aumentar cada vez mais. Este serviço compreende um estágio de 24 horas seguidas, uma vez todas as semanas para cada grupo de colegas, que nós chamamos «équipes», vá o termo.

Compreende este serviço toda a pequena cirurgia por vezes bastante numerosa, todos os accidentes da via pública, doenças súbitas necessitando de socorros urgentes e outros doentes que nos aparecem em misero estado necessitando a admissão de urgencia, e isto é um motu-continuo dia e noite; temos depois as intervenções cirurgicas, para nós muito interessantes mas em parte assaz trabalhosas, e finalmente na manhã do dia seguinte ao da entrada, a consulta onde vão diáriamente dezenas de pessoas (referimo-nos apenas ao Banco!) seguida da admissão de doentes, que também dá bastante trabalho, pois todos aqueles doentes têm que ser observados um por um, de modo a internarmos de preferência os mais necessitados. E depois de 24 horas de serviço nestas condições, ficamos absolutamente esgotados, como muito bem se pode calcular.

Temos além disso o serviço diário das enfermarias, e os Internos ainda têm um outro serviço de escala nos Bancos dos Hospitais do Rego e de D. Estefania, aconte-

(Conclui na página 6)

PARTEM amanhã ás 3 horas para Évora, em excursão promovida pelo nosso jornal, algumas dezenas de pessoas, na maioria ajudenses, que, correspondendo ao nobre desejo de «O Comércio da Ajuda» de propagandear as belezas do nosso país, tornando-as conhecidas dos portuguezes, se inscreveram na referida excursão.

Sobre Évora já o nosso jornal publicou uma série de artigos de propaganda das belezas daquela curiosissima cidade. No próximo número publicaremos as impressões colhidas na excursão.

Atendendo numerosos pedidos para que o nosso jornal insista nas excursões de propaganda, informamos os nossos leitores que já temos em projecto, para efectuar no próximo ano, uma excursão de dois dias a uma das mais lindas e pitorescas regiões do nosso país.

ESTA quasi concluido o trabalho de alcatroamento nas ruas do Bairro Económico da Ajuda.

No entanto, continuam por habitar as numerosas moradias, quando a falta de casas económicas, se faz sentir cada vez mais.

ESTÁ para muito breve a inauguração da pista de cinza, construída no campo José Manuel Soares, e que ficará sendo a melhor do país.

Foi mais uma bela iniciativa dum grupo de Belenenses, que bem merecem a nossa admiração.

EM Évora, quando há dias se procedia á abertura de valas para a rede de esgôto, na rua Oriental de Diana, descobriu-se a base da muralha romana sobre a qual devia ter estado assente a torre das Cinco Quinas ou qualquer outra. Esta descoberta, veio comprovar a existência da muralha nos pontos indicados pelos historiadores e investigadores, pois notam-se os vestígios de forte alicerce revestido, na sua parte exterior, de grossos blocos de granito trabalhado, que constituíam os silhares da construção romana.

## A Favorita da Ajuda

DE  
**ANTONIO DIAS**

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

## LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

## Em redor da questão colonial

Com a epigrafe com que iniciamos as considerações que se seguem, o Sr. Fernando Augusto Simões que, bem a nosso pesar não temos o prazer de conhecer, escreveu para «O Comércio da Ajuda» um magnifico artigo, o qual foi publicado no numero 49, de 19 do corrente.

Sem querermos contrariar a autorizada opinião do illustre articulista, não queremos todavia deixar de afirmar que a loucura que ultimamente tem contagiado a Alemanha e a Itália, a ponto dos respectivos governos sonharem constantemente com a absorção de dominios que são, e sempre foram pertença de outrem, tem atacado também os governos de alguns países que, fiados na sua força brutal e estúpida, têm espoliado de várias terras, doutras nacionalidades mais fracas, saltando por cima de tratados firmados há bastantes anos.

As terras que Portugal possui em África, Asia e Oceania, constitui única e simplesmente o prolongamento do mesmo Portugal, e, foram adquiridas á custa de inúmeros trabalhos e muitas canceiras; do sacrificio de milhares e milhares de vidas.

Essas terras, outrora absolutamente selvagens, improduttivas, hoje não recebem qualquer confronto com as que possuem os seus vizinhos ingleses ou francezes, visto que atingiram um tal desenvolvimento que, sem reccio algum, se pode afirmar ser igual ao atingido nas terras visinhas.

E assim, o espirito colonizador dos portuguezes tantas vezes pôsto á prova, não pode por principio algum, ser substituído por quem jámais soube mostrar a sua superioridade sobre elle.

Não podemos perfilhar ainda a opinião do illustre articulista, quando declara que devem ser os naturais das possessões portuguezas, os únicos donos e senhores dessas possessões, precisamente porque, por enquanto e por largos anos ainda, entendemos ser uma autêntica utopia, pensar-se na

emancipação de toda a humanidade e na abolição de fronteiras.

Os portuguezes continentais que se deslocam até aos nossos dominios de além-mar, têm empregado esforços titânicos para que esses dominios tenham atingido o grau de desenvolvimento que nêles se nota e admira.

E em nenhum desses portuguezes é capaz de medrar a ideia separatista da sua Mãe-Pátria.

Como muitos leitores dêste pequeno jornal conhecem as nossas colónias apenas por tradição, vamos procurar numa série de artigos, dizer alguma coisa sobre o seu estado de adiantamento, para que se possa ajuizar das razões que nos levam a não concordar com a parte final das considerações do illustre colaborador Fernando Augusto Simões.

Agostinho António.

### Dr. Fernando Godinho Cabral

Depois duma longa permanência em África, regressou a Lisboa, bastante combalido, vindo a falecer na passada terça-feira, o Dr. Godinho Cabral, que foi um advogado muito distinto e que na última legislatura, exercia o mandato de deputado por Tomar, tendo desempenhado várias vezes, o cargo de secretario de alguns presidentes do ministério.

Jornalista de grandes faculdades, dirigiu durante muito tempo o jornal «O Rebate», tendo seguido para a Beira, Africa Oriental, onde exerceu vários cargos importantes.

O extinto, que era dotado dum bondoso coração, serviu em França como tenente, durante a grande guerra, pelo que possuía honrosas condecorações.

O seu funeral, constituiu uma sentida manifestação de pesar, á qual nos associamos.

### Clemente Marques

É deveras consternados, que noticiamos o falecimento do nosso amigo Sr. Clemente Marques, que há bastante tempo, se encontrava enfermo. Dotado de excellentes qualidades, gozava da estima geral dos seus numerosos amigos.

Associando-nos muito sinceramente á dor que neste momento afflige a familia enlutada, endereçamos a seu irmão, o Sr. Tenente Marques, os protestos do nosso profundo pesar.

## GAZETILHA

Naquela gazetilha «AS MINHAS FÉRIAS»  
Eu devo confessar que vos menti,  
Misturando em patranhas fortes lérias

Como 'inda outras não vi.

Afinal eu não sou, graças a Deus,  
Um pária, indigente sem vintem,  
E tanto assim que com todos os meus

Eu vivo muito bem.

Tenho casa em Lisboa, apalaçada,  
Uma quinta no campo, lá no Minho  
E levo vida alegre e descansada

Sem ter viver mesquinho.  
Sou rico como um Crésus — haja em vista! —,

Disponho de automóvel p'ra passeio

E como também capitalista

Emprezas financeio.

Mas como temo muito o comunismo

Convem-me, pois, passar por pobretão

E por isso ingressei no jornalismo

Por mera distracção.

\*  
\*  
\*

A volta a Portugal, dos desportistas  
Que teimam em chegar ao fim primeiro,  
Interessa a muita gente, aos jornalistas,

Que vão nesse roteiro

E também aos que ficam aguardando

A derradeira *étape* do final,

Enquanto os corredores vão pedalando

Com ganas sem igual.

Interessa aos rapazinhos, franganotes,

Aos homens assizados e maduros,

Até mesmo aos que sendo já velhotes

Se metem em apuros

De fazerem apostas p'los seus mitos

Que, podem ser, o Cesar ou Trindade,

Pois no meio de tantos favoritos

Será realidade

Reinar a discordância na luta

Pelas opiniões e simpatias

De quem na grande prova se disputa

Há já bastantes dias.

\*  
\*  
\*

Eu jogava no Derby, em Epton,  
(Corridas de cavalos, afamada),  
Onde quem se prezava ser do tom

Tinha grandes jogadas

Pelos *jockeys*, velozes como o vento,

Montados em corceis, a galopar

Fugindo como foge o pensamento

De quem quizer pensar.

Pois bem, uma vez lá numa tribuna,

Apostei mil milhões sobre um cavallo

Que ganhando me deu grande fortuna

Para meu bom regalo.

Porém, há pouco qu'rendo mais ganhar

Apostei no valente Nicolau,

Mas como o homem não pode pedalar

Já deixei de ser rico o que é bem man.

Alexandre Settas.

## Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia \*\* Forjas \*\* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacoeu loj Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas - sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4.<sup>as</sup> feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telef. B. 456

# Comissão de Beneficencia e Banhos da Freguesia da Ajuda

Nos anos de 1925 e 1926, a direcção da Escola do Povo, num gesto que muito a notabilizou, resolveu que os seus alunos, todas as manhãs, durante a estação calmosa, fôsem tomar banho á praia de Pedrouços, por lá se conservando algumas horas, respirando ar puro, longe do bulicio da cidade.

Tal iniciativa foi coroada dum exito absoluto e os seus autores, animados das mais nobres intenções, não querendo esquecer as outras crianças das escolas officiaes e particulares, constituíram uma comissão denominada Comissão de Beneficencia e Banhos da Freguesia da Ajuda, composta pelos Srs. António Lopes Marques, António Vicente de Sousa Lopes, Basilio Joaquim Ribeiro Jr., Gregorio António da Silva Couto, Jeremias Augusto, José Alves Guimarães, José Ramos Seta, Manuel das Neves, Manuel da Costa e José António Taveira, com o auxilio da Junta de Freguesia, comércio e particulares, já fizeram beneficiar dos banhos, até á data, as seguintes crianças:

Sexo masculino . . . . .	391
» feminino . . . . .	370
	<hr/> 761

A todas as crianças, têm sido oferecidos chapéus e fatos, bem como o pequeno almoço, composto de pão, leite e cacau.

A mesma comissão, comunica-nos estar muito grata para com o Ex.<sup>mo</sup>

Sr. Dr. Virgilio Paula, que todos os anos se tem prontificado gentilmente a inspecionar todas as crianças.

Também a comissão torna público o seu agradecimento ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Nicolau Verissimo, proprietário do Salão Portugal, pela cedência da sua casa de espectáculos, para a efectivação e bons resultados do beneficio que aí se realizou, agradecendo ao mesmo tempo a todas as pessoas que moral e materialmente os auxiliaram na sua cruzada *Por Bem*, não esquecendo o valoroso grupo de Adueiros da secção da Ajuda.

Para que os nossos leitores possam avaliar da importância de tal iniciativa publicamos o balancete que nos foi enviado e que corresponde ao corrente ano:

## RECEITA

Cacau que sobrou de 1932 . . . . .	67\$92,5
Import. liquida do beneficio . . . . .	1.250\$50
Oferta de 150 quilos de açúcar . . . . .	565\$50
Resto de cacau para 1934 . . . . .	19\$60,5
Auxilio da Junta. . . . .	2.539\$00
	<hr/> 4.442\$53

## DESPESA

1 barrica com 30 quilos de cacau . . . . .	317\$50
6 duzias de chapéus . . . . .	55\$85
300 litros de leite a 1\$10 . . . . .	330\$00
156,5 quilos de açúcar a 3\$77 . . . . .	590\$00,5
Banheiro . . . . .	1.100\$00
7.792 pães a \$25 . . . . .	1.948\$00
Reman. de serviços nos banhos . . . . .	47\$50
Despesas gerais . . . . .	26\$65
1.000 programas . . . . .	20\$00
Medicamentos. . . . .	7\$02,5
	<hr/> 4.442\$53

E para complemento dêste relato, informamos os numerosos leitores, de que foram pela professora regente da Escola do Povo, levados a exame, 38 alunos de ambos os sexos, tendo obtido o resultado seguinte:

Aprovados . . . . .	23
Distintos . . . . .	14
Reprovado . . . . .	1
	<hr/> 38

Passagens da 1. <sup>a</sup> à 2. <sup>a</sup> . . . . .	39
» 2. <sup>a</sup> à 3. <sup>a</sup> classe. . . . .	44
» 3. <sup>a</sup> à 4. <sup>a</sup> classe. . . . .	55

Existem actualmente nas suas aulas, 302 alunos.

Bem haja a Direcção e sócios da Escola do Povo, que na mesma comunhão de ideas, têm conseguido espalhar a instrução a milhares de crianças, que sem êsse auxilio tam valioso, engrossaria o número de anal-fabetos. Felicitamos todos aqueles que através de anos, têm feito parte dos corpos gerentes e que muito orgulhosos se devem sentir, pela obra grandiosa que auxiliaram.

E pode a Escola do Povo, contar sempre com o nosso fraco préstimo, na certeza que sempre encontrará neste jornal, o melhor acolhimento.

## BILHETES DE VISITA

desde 4\$00 o cento

C. da Ajuda, 176 - LISBOA - Telefone B. 329

## A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

## AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA

TELEFONE BELEM 367

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalho, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

Calçada da Ajuda, 212 a 216

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Calçada da Tapada, 47 a 53

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

## Instalações electricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552  
onde serão atendidos com a máxima urgência

**MERCEARIA CONFIANÇA**  
 Verdadeira selecção em todos os generos de primeira necessidade.  
 Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maira)

**Farmacia SOUSA**  
 C. da Ajuda, 170  
 Telefone B. 329

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de  
**FRANCISCO DUARTE RESINA**  
 R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 553, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)  
 que ai encontrareis um bom sortido de generos alimenticios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.  
 Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos esclarecerdes da verdade, que o seu proprietário agradece

# A ALEGRIA DE VIVER

Sempre que voltamos dum ambiente vasto, purificado no perfume das flores ou nas emanações tonificantes do mar, nossa alma plena de sugestões da vida pura, sente a angústia de retomar o contacto com a melancolia das coisas mortas, das coisas abandonadas.

Olhamos a casa e o homem, com a tristeza da contemplação dum cemitério de vivos.

Desprende-se dos nossos hábitos, da nossa existência, uma exalação de vida instinta, um amortecimento da alegria de viver.

Espanta-nos a falta de conforto, a ausência de atractivos que nos tornem querido o lugar onde se esconde o segredo das nossas horas íntimas.

Confrange-nos a ideia dum ambiente que nos é hostil, porque nos grita nos seus mais insignificantes pormenores, a necessidade da fuga, a urgência de remodelação do nosso modo de viver, que não assenta em nenhuma base

duradoura, de modo a fazer-nos amar a casa onde vivemos, onde às vezes nasceram os nossos pais.

Vivemos, em nossas casas, um ambiente que não é o nosso, que nada nos inspira, porque em nada elle participa dos nossos sentimentos, desalojados por uma obsessão continua de mudança, que nos faz sentir as agruras dum provisionismo que inspira todas as nossas emoções.

Sufimos de nossas casas contrafeitos, como que evadidos, tentando procurar na rua o adormecimento que substitua a pacificação que nos lars nos foi negada.

E a tristeza continua, agora mais reinada, dando a todos nós o semblante de vencidos, a configuração dum cansaço, dum tédio mumificado.

Marchamos molemente como soambulos. Quando um incidente nos chama á vida, entramos nela com um sobressalto de estremunhados, nervosos, quasi epiléticos. Andamos nos

encontros, acovelamo-nos nos carios, empurramo-nos, agredimo-nos quasi, num afan de chogar depressa, como se tivéssemos alguma coisa de importante a resolver.

Esta ideia, esta preocupação, tiranos a jovialidade nos encontros, amargura todas as reuniões, como individuos torturados por um pensamento que não permite mais nada do que seguiu lo. Esse pensamento é a pesquisa inconsciente, automática, dum bem que não encontramos, dum alegria que não vemos em ninguém, porque todos colaboram com a sua falta de educação, de energia, de carácter, neste derrotismo, neste adormecimento da alegria de viver.

A multidão nas ruas, nos cafés, nos teatros, oferece o espectáculo de um desfilar de semi-mortos, de gente que não tem razão nenhuma de existir e que está condenada a viver por uma imposição cruel do destino.

Um encontro, é um desfilar de

**Consultas médicas diárias**  
 Serviço nocturno ás quintas-feiras

queixas, de falências de esperanças, de projectos abandonados, envolvendo tudo numa desercção do esforço, num despeito de alegria, que faz acender olhares de admiração ante uma senhora que sabe cumprimentar com elegância, ou um sonhador que se distrai a cantar, a rir, a rir...

Num esboço de reacção quando nos tentamos distrair, não temos motivos de beleza, preocupações elevadas, evocações de atitudes reconfortantes que nos deem a alegria da admiração da espécie. Fazemos anedotas malvols sobre a vida dos outros, tiramos efeitos ruidosos da derrocada de sonhos, dos incidentes de uma derrota, como se os ideais e o combate fossem manifestações de estupidez, justificativas dum riso cáustico.

Este ambiente comunica-se ás crianças.

Elas marcham na rua reflectindo a tristeza que as assinha no lar, a tristeza que se insinua em tudo, como se tudo de repente se houvesse petrificado, sob o influxo dum retraimento esmagador.

As almas encerram-se em si próprias, desconfiadas, ariscas, recosas de dar alguma coisa de si aos outros. como se nada chegasse, como se o mundo se tivesse reduzido.

Quando voltamos á natureza, ante a imensidade, a placidez do mar, e a grandeza das montanhas, pensamos no mundo, e acodo-nos esta interrogação:

¿ Mas será assim em toda a parte?

E a alegria dos outros povos, a exuberância de flores em qualquer ruela sevilhana, o espirito de elegância no trato social, a afabilidade, a cortezia, que dão a alegria de viver nos outros países, fazem-nos pensar que somos um povo atrasado, doente, sem educação social, um povo que precisa de aprender a viver, um povo que necessita absolutamente do entusiasmo de quem tenha arrojado de pensar numa grande obra de renovação, numa pedagogia de encanto...

**PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO**  
 mas apresentados sem intenção dogmática  
 Por ALEXANDRE SETTAS

*A necessidade é uma força esmagadora que, deprimindo o moral do necessitado lhe alimenta comprensíveis instintos de revolta pela indiferença do seu semelhante, ou o conduz por ocasião de análise fria e consciente a vários fins censuráveis por quem o observa afastado do ponto doloroso em que se encontra.*

*A necessidade não define com exactidão pobreza ou sequer a indigência. Há miseros que não carecem — ou melhor, dispensam — auxilio e ricos precisados de effectivas ajudas que tanto podem ser morais como até mesmo materiais.*

*Na mulher ha duas coisas que bem se confundem: o excesso de recato — reflexo da castidade — e a sábia arte de aguar um instinto adormecido.*

*Abomino a ociosidade por considerá-la irritante e perniciosa. É dever de todos os humanos agir de forma a consumir o tempo prodativamente. Qualquer útil labor lhes pode evitar o cairm no abominável crime da inactividade voluntária.*

*Tudo se pode dizer, seja a quem for, mas nem todos sabem ouvir.*

FOI tão longe o Madeiro na sua protecção ao antigo exposto da Misericórdia (a quem daremos o nome de Arnaldo), que, ao completar os 24 annos, o inteligente rapaz, depois de um curto estágio na Alemanha, em curso de aperfeiçoamento, obtinha com superior distincção a sua carta de engenho.

envolveu, não tardou em contagiar o coração de Arnaldo. Amaram-se.

Enquanto o filho se conservou oculto, bom foi. Mas quando um dia a mãe de Luízinha descobriu o segredo, e o comunicou ao marido... repentinamente a história. O pintor, seriamente contrariado, mostrou-se disposto a uma opposição talvez ainda mais cerrada do que aquella de que o Sebastião Madeiro lhe jovem brazileirinha.

## Segredo fatal

Por ALFREDO GAMEIRO  
 (CONCLUSÃO)

O rapazião encantador pela subtilidade do espirito e adorável pela ternura que lhe punha a descoberto a alma, todo a bondade lançava fundas raizes, levava de vencida, sem falhas nem desânimos, todo fuso difícil e complicado estudo das ciências e das matemáticas. E agora, transformado num esbelta e elegante moço, simples no porte, mais atraente pela delicadeza das maneiras, possuía o dom de seduzir os que lhe escutavam a conversação amena e colorida.

amargorara o seu amor pela jovem brazileirinha.

No caso presente, porém, era o Madeiro quem não comprehendia os escrúpulos do genro, e não encontrava razões sufficientemente fortes para impedir um casamento que se lhe significava auspicioso e de annua vantagem para ambos os jovens enamorados.

— A não ser para me arrelhar — dizia elle — não perecho essa birra. Por ser um orguido? — Que culpa temo disso o pobre rapaz?... O pai, que o abandonou, é que precisava ser zangado a cavallo marinho!

O pintor, que escutava estas considerações visivelmente contrariado, ao ouvir as últimas palavras do Madeiro sentiu um arripio doloroso percorrer-lhe todo o corpo, e baixou a cabeça sem responder.

Afinal, você é que o adoptou — proseguia o Madeiro — mas eu é que verdadeiramente lhe servi de pai. Suscritei-o, eduquei-o, fiz d'elle um homem que, pelo saber e pelo talento, ha-de ir longe, temo a certeza. Além disso posso affiançar que é uma criatura digna e honrada, podendo sem recuo ser admitido entre pessoas de bem...

A tal sedução não pôde fugir a Luízinha. Durante a infância pouco conviviera com elle, sequestrado pela amizade do Madeiro ao observá-lo nos trabalhos escolares. Mas, ao vê-lo regressar, homem feito, impondo-se pelo saber e pela doçura do caracter, em breve naquello coração virgem de 19 annos se voltou em chama de amor a fúndia admiração com que o moçocho a principio a deslumbrara.

— Ninguém o contesta — atalhou o genro — o, todavia, isso casamento é impossivel.

— Mas porquê?... Com mil demónios!

E, numa incompreensivel hesitação, o pai de Luízinha titubava:

— Porque... porque... não deve fazer-se.

— E eu digo-lhe que temo do fazer-se! — explodiu por fim o Madeiro exasperado. — Quando não!... arrecontou com um gesto largo de ameaça.

O pintor ficou-o com o olhar ansioso, tremendo, perante aquella ameaça que lhe despertava um súbito recuo, enquanto o Madeiro, aproximando-se d'elle, lhe

falava bem junto do rosto, como se pretendesse deixar ai gravadas as suas palavras.

— Você continua a ser o verdadeiro engulho da minha vida. Mas tenha a certeza de que esta vez será a última. O casamento far-me-á esquecer o passado, e para os dois iria tudo o que tenho. Se você, porém, insiste em contrariar-me, o rapaz fica solteiro... mas dá minha fortuna em fardo o que me parecer, entende? E, depois, tanto se me dá que você case a sua filha com um principe... como com qualquer varredor da rua!...

A mãe de Luízinha tambem, por seu lado, advogava com ardor a causa dos namorados, sem conseguir demover o marido da obstinada recusa, baseada em argumentos de duvidosa justificação.

Mas, a medida que o Madeiro repetia as suas ameaças, a energia do pintor ia, pouco a pouco, enfraquecendo. A tenacidade da luta succedia em estado de abatimento, como de fadiga, que o levava a responder com um leve encolher de ombros ás investidas dos que o cercavam, Tomada esta passividade como sinal de aquiescência, foram-se dispondo as cousas para a realisação do casamento. E quando definitivamente tudo já se achava preparado, ainda o pai de Luízinha, como se acordasse do seu torpor, teve um movimento de reacção, logo domado por quatro palavras grosseiras, quasi brutais, do Madeiro.

E o consórcio, tão ardentemente desejado, teve lugar com grande satisfação de todos, menos do pai da noiva, que consintiu em assistir ao acto, mas em tal estado de singular apatia e constrangimento, que bem deixava adivinhar a negrura do véu da tristeza que lhe envolvia o coração.

Passaram-se alguns meses. O Madeiro cumpriu religiosamente o prometido. Tudo lhe parecia poiseo para cumular de obsequios o seu nuplo e assegurar a felicidade dos noivos, a quem seia por garantir legalmente a posse, no futuro, de todas as suas bens.

Tudo isto, porém, não chegava que, ao menos, um pallido sorriso illuminasse flegamente o semblante do pintor, constantemente sombreado por traços de profunda e dura mágoa.

O que no intimo d'elle bem se passava ninguém o sabia. O certo era, porém, que definhava dia a dia, e que a familia, alarmada por quello abatimento apavo-

rante, o obrigou a consultar o médico, que diagnosticou uma affecção cardíaca em grave periodo de desenvolvimento.

Um dia as forças faltaram-lhe de todo e não pôde sair do leito. Respirava a custo e o médico, ao vê-lo assim, esboçou um movimento de desânimo.

A familia cercava-o de carinhos e Arnaldo arvorou-se em constante enfermeiro do sogro, contra o qual o seu coração generoso e dedicado não nutria o menor ressentimento.

Altas horas de certa noite Arnaldo notou um brusco agravamento da doença. A febre era intensa, a respiração cada vez mais difficil, e o olhar baço do enfermo fixava-se no seu enfermeiro com uma expressão dolorida e ansiosa. Por fim, tomando-lhe uma das mãos, puxou-o para si, ao mesmo tempo que balbuciava fraccamente:

- Arnaldo, perdão!
- Perdão de quê, meu pai?
- O pintor rompeu a soluçar.
- Porque fui um cobarde. Quis salvar os meus filhos e desonrei-os, deixando que elles caíssem numa abjecta miséria!
- E um grito lancinante:
- Meu filho!... meu filho!... Não me deixes morrer sem o teu perdão!...

Arnaldo esmagado por uma suprema angustia, exclamou:

- Por Deus! explique-se. Não vê que me tortura?
- O esforço fez um enorme esforço e disse com voz estrangulada:
- Arnaldo... tu és meu filho!
- Filho?... filho?... E Luiza?... gritou o desventurado.
- E' tua irmã.

Foram as suas últimas palavras, tão sumidas como se vissem já do outro mundo. O rosto contraiu-se-lhe e a cabeça rolou para fóra da almofada. Morria desvendado emfim o segredo fatal que lhe minara o último periodo da existencia, e que, ao ser confessado, fulminava tambem o proprio filho, engeitado para occultar um pecado da mocidade, e que tanto recegara ver descoberto pelo sogro implacavel.

Arnaldo caiu no chão desamparado.

Ao ruído produzido pela queda acudiu o resto da familia. Houve exclamações, gritos, lágrimas, todo o alarme que em casos tais se produz. Arnaldo foi levado, sem acôrto, para o seu quarto. Quando algum tempo depois abriu os olhos, viu junto de si a esposa que enxugava os olhos avermelhados pelo pranto, e que com um sorriso e ternão beijo procurava reanimá-lo. Elle, porém, estremeceu ao contacto dos lábios d'ella, e, afastando-se bradamente, disse-lhe:

— Deixa-me socegar um pouco. Pego-te.

Accedendo ao pedido, Luízinha voltou para junto da mãe inconsolável, mas ao chegar a um estallido seco se ouviu do lado do quarto donde acabava de sair. Correu apavorada e estremeceu de horror ao deparar com o marido sobre a cama, o olhar esgarçado, os braços pendentes, e junto d'elle o revolver de que o infeliz se servia para acabar com a vida que de ora avante lhe seria um abominavel e duro fardo.

O que determinou o acto troulacado ninguém o soube nunca. Atribuíram-no alguns a súbita alienação doentia provocada pela morte do sogro.

Só o Madeiro, depois de pensar maduramente no estranho caso, teve suspeitas mais ou menos fundamentadas da verdade, mas a ninguém revelou o seu pensamento. Apenas, ás vezes, rolou pelo enorme pesar com que a morte do pupilo querido lhe despedaçara o coração, dizia para consigo:

— Aquelle patife!... Estava escrito que até á morte havia de ser o meu desmancha-prazeres.

**Nova Padaria Taboense**  
 DE  
**ANTÓNIO LOPES MARQUES**  
 Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas  
 R. das Marés, 118 e 120 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz  
 AJUDA — LISBOA

**Favorita Ajudense**  
 DE  
**J. J. CAETANO**  
 Completo sortido de Fanzouros, Refrescoes, Resparia e Gravelaria  
 Artigos Escolares — Material electrico  
 GRANDES PECHINÇAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO  
 167, Calçada da Ajuda, 169  
 TELEFONE BELEM 456

**Ao de leve...****RECORDANDO**

Aqui há uns anos (era eu miúdo) fui encarregado por meu pai de ir representá-lo um dia no funeral duma pessoa do seu conhecimento. Disse-me elle:— Olha, vais a tal parte, e dizes assim: Meu pai, na impossibilidade de comparecer, encarrega-me de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup>, etc., etc., e ensinou-me um sermão muito triste, que eu teria de repetir á familia enlutada. Eu disse que sim, que estava bem, que diria tudo aquilo. Chego á morada indicada, e em tão boa hora que o préstito funebre já se havia pôsto a caminho. Intimamente, enchi-me de satisfação por poder assim escapar-me ao cumprimento do enfadonho discurso que meu pai recomendará... Alcançado o cortejo, nêle me incorporei entre uns senhores de aspecto muito consternado, todos vestidos de preto. O enterro, (que partira de Santo Amaro) metera pela rua do Cruzeiro, em direcção á Ajuda.

Eu não conhecia ninguém. Ia sózinho, muito aborrecido. O sol estava lindo, faiscava esplendido e eu perguntava a mim mesmo o que ia ali a fazer, no enterro duma pessoa que nem sequer conhecia; para mais quem morrera era uma velha e eu queria que a velha tivesse muita saúde... lá no outro mundo.

Porém (nestas coisas há sempre um porém) ao chegar ao cimo da rua, a carreta, de colunas, puxada a duas parelhas, afim de evitar os solavancos produzidos pelos enormes buracos da estrada (continue Sr. Francisco Duarte Resina!) desviou um pouco o seu caminho, contornando o galo da Ajuda. Eu seguia o enterro, distraído. A

certa altura — eu, quando me lembro, ainda hoje viu com vontade — voltando a mim, vejo, com espanto, que do numeroso acompanhamento que partira era eu a única pessoa que seguia atrás da carreta! E' que as outras pessoas, para fugir ao sol e ao caminho haviam continuado pela estrada e esperavam nos Telheiros a volta da carreta!

Eu, que não ia ali de muito boa vontade, fiquei radiante com o sucedido. Aproveitei a deixa, mandei ao diabo o enterro, meti pela Calçada da Ajuda abaixo e fui para Pedrouços, tomar banho...

*Af. Aço.*

**A situação dos medicos**

(Continuado da 1.<sup>a</sup> página)

cendo certas semanas ficar-se dois dias de serviço, o que é muito.

Tudo isto estaria muito bem se os clinicos dos Hospitais fôsem devidamente remunerados, mas os honorários são verdadeiramente exiguos, não correspondendo senão um pálido reflexo do esforço ali dispendido. Além disso, como não é permitido acumular lugares, qualquer clínico que tenha outros serviços sob a dependencia directa do Estado, recebe apenas 200 escudos, por todo êste trabalho!

Era pois justo que melhorassem um pouco a situação daqueles que dentro dos Hospitais empregam todos os seus esforços e boa vontade com o fim de conseguirem fazer o melhor bem possível áquella série de infelizes que por ali se arrastam com os mais variados flagelos, alguns dos quais incuráveis para sempre.

*Dr. Medina de Sousa.*

**A' COMPANHIA CARRIS**

Publicaram ha dias os jornais da capital, que o governo ordenara á Companhia Carris que modificasse as actuais escalas de serviço do seu pessoal, visto que elas davam margem a várias complicações e a grandes prejuizos ao mesmo pessoal.

Os dirigentes da Companhia em questão, segundo informações vindas até nós, em virtude da determinação do govêrno que, parece, a prejudica nos seus interesses monetários, deliberou chamar aos seus escritórios o pessoal ultimamente admitido, caçar-lhe as chapas distribuidas e dispensar-lhe os seus serviços.

A maior parte dos atingidos por tal medida, assaz violenta e deshumana, deixou os seus antigos empregos, logo que foram admitidos ao serviço do potentado de Santo Amaro, e agora não têm forma de arranjar qualquer colocação, com a facilidade que seria para desejar, o que com as dificuldades da vida que se atravessa, o mesmo é que atirar, com essa gente e suas familias, para uma situação miserável, o que não sucederia, se não fôsem chamados para o serviço da Carris.

«O Comércio da Ajuda», que está sempre ao lado dos que trabalham, não pode deixar de levantar o seu protesto contra a resolução tomada pelos dirigentes da Companhia Carris, pedindo as mais enérgicas providências a quem competir, de maneira a evitar o aumento, já de si pavoroso, do número de operários sem trabalho.

**TRANSPORTES DO ALTINHO**

**A. A. JERÓNIMO**  
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

**José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)**

Sucessor: **FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA**

Fábrica de cal a mão e todos os materiais de construção

**33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA**

TELEFONE BELEM 56

**ANTONIO DUARTE RESINA**

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de **MERCEARIA**, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

**VINHOS DE CHELEIROS**

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoáveis

**ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>****PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

**CONSTRUCTOR CIVIL**

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — Ajuda

**José António Rebelo de Avelar**

**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

**LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

**LISBOA****Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mēsa

LÓBIS E TABACOS

**Amândio C. Mascarenhas****SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

**R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496****CINEMA PORTUGUEZ****Viagem á roda de um proverbio**

De entre os milhares de sábios e filosóficos adágios com que o povo português tem regulamentado a sua existência, um há cuja veracidade puz sempre em dúvida, ou melhor, me recusei sempre a aceitar.

Baseava-me, para tanto, num sem numero de actos de solidariedade e camaradagem cuja descrição chegava até mim, além do que, era-me mais grato o desmenti-lo que o confirmá-lo, não obstante as dolorosas ou importunas confirmações que de quando em quando recebe, exactamente o que agora se está verificando quanto ao cinema português.

Diz esse provérbio que o nosso maior inimigo é o official do nosso officio, e vêm estas simples considerações a propósito de um assunto que traz interessadíssimos a gregos e troianos: a realização, por portugueses, e em Portugal, de fitas sonoras. Trata-se de um notável empreendimento digno de todo o nosso carinho e admiração, e os que, com formidável esforço conseguiram levá-lo a cabo, têm já a toda a nossa gratidão, tanto mais que o exemplo fortificou e há já outra empresa que, com menos ruido mas com a mesma tenacidade, com mais modéstia mas com o mesmo valor, tem quasi concluídos também os trabalhos de realização de uma fita regionalista, primeira de uma série de fitas de cunho acentuadamente nacional que a empresa em questão se propõe levar a cabo.

E aqui é que o provérbio se justifica. Eis dois valorosos artifices, servindo ambos, com denodo e brio, o ideal comum, eis, portanto, dois officiais do mesmo officio. E que fazem eles?

¿Auxiliam-se, como seria natural em face das dificuldades com que em Portugal se luta, ao principio pelo

menos, para o prosseguimento de qualquer grande iniciativa?

¿Procuram completar-se uma á outra, como seria lógico, atendendo a que a obra a realizar é vasta e rodeada de espinhos?

¿Tentam, acaso, suplantarse uma á outra sem atropelos, unicamente no intuito de bem servir o público, praticando a concorrência com lialdade?

Nada disso: guerreiam-se!

Num dos últimos números da conhecida revista cinematográfica «Cinéfilo», em entrevista concedida pelo director e produtor de uma das duas empresas, verifiquei, desagradavelmente surpreendido, que este se referia em termos menos justos á sua congénere, em referências que iam desde a censura pelo estrangeirismo do título, á critica irónica do argumento do seu primeiro trabalho.

Não me move, ao escrever estas linhas, a sombra do mais pequeno interesse; não sou conhecido, nem conheço sequer, nenhum dos dirigentes, realizadores, directores ou artistas de qualquer das empresas, posso, por consequência, sem ser arguido de parcial, dizer exactamente aquilo que penso acerca deste assunto.

Sou dos que esperam confiadamente, embora com ansiedade, que a fita cuja realização os jornais e as re-

.....

**Jardim Botânico da Ajuda**

No próximo número, publicaremos na íntegra, a mensagem que vai ser entregue á entidade respectiva, para que seja possível a reabertura do nosso Jardim Botânico.

Esta representação, será acompanhada das listas que contêm mais de duas mil assinaturas de habitantes da nossa freguesia.

vistas da especialidade têm acompanhado a par e passo seja apresentada ao público, conquanto receie que venha a tornar-se contraproducente a excessiva publicidade que á sua volta se tem feito.

Confiadamente em atenção ao grande número de valores, muitos deles já indiscutíveis, que lhe têm dado o melhor da sua capacidade e da sua inteligência; com ansiedade porque tem de ser, de facto, um trabalho de muito valor para que o grande público se não considere iludido pelo sem numero de referências, críticas, descrições e reproduções, todas elas extremamente elogiosas, que lhe têm sido fornecidas pela Imprensa.

Mas ainda que assim não seja, ainda que se confirme ter sido excessiva a publicidade, não poderei deixar de reconhecer o valor nem de admirar a persistência a essa pleiade de artistas que conseguiu realizar uma produção cinematográfica completamente portuguesa.

E o mesmo, exactamente, penso do trabalho da outra firma, que, com modéstia que não exclui o mérito, procura realizar e satisfazer o mesmo ideal.

Unicamente, lamento que se combatam; lamento que não conjuguem os seus esforços a fim de tornar mais brando o árduo caminho a percorrer; lamento que, embora officiais do mesmo officio, se esqueçam de que é vasto, vastissimo mesmo, o campo em que cada uma delas poderá desenvolver as suas actividades sem fazer sombra á outra; lamento, enfim, que não ponham acima dos interesses particulares, acima das mesquinhas questões materiais, a causa, a todos os títulos nobre e bela, do Cinema Português.

*Fernando Augusto Simões.*

**A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>**

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escripturação comercial  
Copiadores, caixas e pastas para arquivo  
Arma-se pastas de fantasia e bordadas  
Envernizam-se mapas

**T. de Paulo Martins, 18****AJUDA — LISBOA**

TELEFONE BELEM 517

**A VENCEDORA****MERCEARIA, CARVOARIA E VINHOS**

DE

**Alberto Ribeiro de Carvalho**

Optima especialidade em vinhos das regiões de Arruda e Samouco, recebidos directamente do lavrador. Vinhos palheto, verde, licores e seus derivados. Completo sortido em generos de mercearia.

FORNECIMENTO DIRECTO AOS DOMICILIOS

**Rua da Torre, 4 a 10 (Ajuda)**Sucursal: **Calçada da Tapada, 106 e 108 (Alto Santo Amaro)**

# Manoel António Rodrigues

COM

## VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

# DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende:

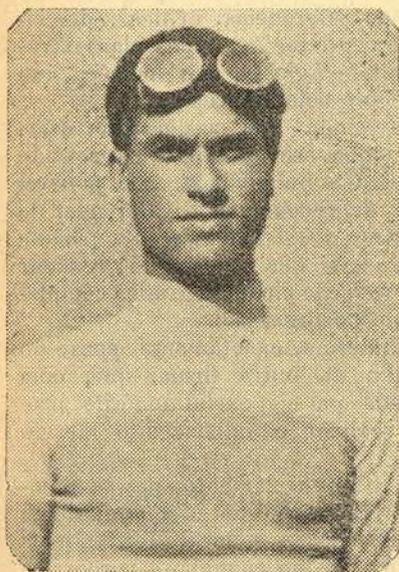
**Drogas, produtos químicos, tintas  
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias**

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

## Militão Leal

Militão Leal é um rapaz cheio de vontade, forte, bem musculado e que apareceu ha pouco tempo na séde do C. F. Belenenses, a oferecer-se para representar este Club nas provas ciclistas. Os que o atenderam, que nem o conheciam, duvidaram um pouco que ele fôsse capaz de hobrear com os *azes*, mas no entanto, com aquêl carinho tam próprio da gente do campeão de Portugal em football, inscreveram-no na grande corrida Pôrto-Lisboa. A classificação honrosa que alcançou, nessa prova, muito contribuiu para que o Club o apresentasse na IV Volta a Portugal.



Militão Leal

Fotografia gentilmente cedida pelo nosso colega «Os Sports»

E lá partiu o valoroso representante de Belém, cheio de entusiasmo e duma fé ardente, em trazer para o seu Club uma nova vitória.

Sentimo-nos orgulhosos com ele, porque tambem somos «Belenenses». E pode o nosso representante não alcançar os primeiros lugares, que isso não será o motivo para que deixemos de lhe manifestar a nossa estima e admiração.

E tanto, que lançamos o alvitre duma subscrição, para a compra de uma prenda, a oferecer ao nosso favorito, na ocasião da sua chegada a Lisboa.

Aí fica a iniciativa, que, estamos certos, calará fundo em todos os «Belenenses».

## Um dia festivo

Dizem, não garantimos a veracidade, que dentro em poucos dias é inaugurado o bairro da Ajuda.

Não será portanto em 28 de Julho de 1934, como ironicamente profetisámos, mas em 5 de Outubro do corrente ano.

Ao longo da Travessa da Boa-Hora, adjunto ao bairro a inaugurar, um extenso corredôr, com várias divisórias, de belo aspecto, amplas vitrines e elegantes portas de vidro, destina-se, segundo nos informam, a servir de mercado.

Como mercado, não chega para o abastecimento da futura população do Bairro, mas, — lá diz o rifão — «é melhor pouco do que cousa nenhuma» e por isso, ficaremos por aqui, enquanto se ouvir o estralejar dos foguetes e o ribombar do canhão em sinal de regosijo p lo aniversário da República e inauguração do Bairro, para voltarmos depois a falar do mercado, uma das mais legítimas aspirações da população da Ajuda.

Melo MIGUEIS.

## Incendio

Hontem, pelas 15 horas, manifestou-se, com grande violencia, um incendio na aguafurtada do prédio n.º 33 da Rua da Bica do Marquez, a qual ficou totalmente destruida.

Graças aos magnificos socorros dos bombeiros municipais e voluntarios, que prontamente acudiram com os seus auto-tanques, o sinistro foi prontamente dominado.

Trabalharam duas agulhetas, alimentadas pelos referidos auto-tanques e pelo tanque da Quinta do Gaspar.

Como de costume, a água da Companhia não compareceu.

## Talvez as nossas leitoras não saibam...

A primeira mulher, mencionada na história, que tenha feito o sacrificio da sua cabeleira, foi uma rainha do Egipto que viveu 200 anos antes de Cristo. Chamava-se Berenice e era a mulher do todo poderoso Ptolomeu Evergeta. Como elle tinha que partir para uma expedição guerreira, lóngiqua e cheia de perigos, sua mulher Berenice fez o voto de cortar os cabelos, que por sinal eram bem lindos, e de depôr as suas tranças no altar de Venus Afrodite, se o seu espôso voltasse são e salvo. Ptolomeu, com efeito, voltou alguns meses mais tarde completamente victorioso. E a esposa reconhecida, levou imediatamente ao templo de Venus a oferta que fizera. Mas, logo após a primeira noite, as tranças (provavelmente roubadas) desapareceram de cima do altar. Berenice e o seu marido ficaram inconsoláveis. Um dos astrónomos que habitava o palácio, Conon de Samos, tomou sobre si o encargo de os tranquilizar. Ora como justamente elle acabara de descobrir uma nova constelação, persuadiu o rei e a rainha de que ella era formada pela cabeleira desaparecida, recompensa esta de Venus para com aquêl grande amor conjugal. E é por isto que desde essa época as sete estrelas da constelação foreal do Lião, ficaram sendo apelidadas de *Cabeleira de Berenice*.

Agora é preciso notar que o gesto desta linda rainha não teve por causa a moda.

## SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória — Ajuda — Telef. B. 124

Dia 2 — **O Monstro Marinho, Oriente** com Lon Chaney, **Caloteiro** com Estica e Bucha, e **Os Fantasmas**  
Na matinée do dia 3:

O mesmo programa.

Dia 3, na soirée — **A Marselheza, O Monstro Marinho e Maldito Clarim**

Dia 4 — **Puro Sangue, Mariana e Viagem Atribulada**

Dia 7 — **Rivais da Pista** e outros filmes

Dias 9 e 10 — Inauguração da época de inverno, com os preços de 3\$50, 3\$00, 2\$50, 2\$00 e 1\$50. Exibição dos filmes

**Navio Sangrento e Torneio de Morte**

Dia 11 — **O Crime da Rua da Morgue, Os Irmãos Karamazoff e Slim na Praia**

Dia 14 — **A Mulher X e Alvorada do Amor**

Preços populares: Balcão 1.ª fila, 2\$50; Balcão, 2\$00, 1.ª Plateia 1\$50; 2.ª, 1\$00

Todos os lugares são numerados